

DIRECTOR, PROP.º E ADMINISTRADOR
JOSÉ DA SILVA VIEIRA
 Composição e impressão: *Eng. Espozendense*
 Rua Veiga Beirão, 7 e 9
 ESPOZENDE

O ESPOZENDENSE

Semanario democratico independente—defensor dos interesses d'este concelho

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
 LIVRARIA ESPOZENDENSE
 Editor: *Manuel Gomes de Costa Freitas*
 ACEITA TODA A COLLABORAÇÃO DE INTERESSE PUBLICO
 Os originaes não publicados não se restituem.

ASSIGNATURA (pago em dinheiro)
 Anno, sem estampilha 1\$200 reis.
 Numero avulso 40 reis.

FUNDAÇÃO D'ESTE JORNAL
1886

ANNUNCIOS (seccão competente)
 Linha, ou espaço de linha a 40 reis.
 Os assignantes tem 25 0/10 de desconto.

O pagamento dos annuncios é feito no acto da entrega do original. Annuncios annuaes, contracto especial. Annunciam-se todas as obras litterarias ou scientificas das quaes se recebe um exemplar.

ESPOZENDE O QUE FOI E O QUE DEVE SER

Quão longe vae o tempo em que o amplo porto d'Espozende abrigava 70 galeões d'alto bordo! E, no entanto, não é ainda sem uma grande commoção, que fazemos reviver perante a memoria as paginas lidas da historia passada d'esta terra. Tudo se tem afundado na incognoscivel vastidão dos tempos! O poderio dos nossos estaleiros, a rede extensa do seu commercio circulante, o desenvolvimento das industrias nativas, a exportação de generos agricolas, são outros tantos titulos do progresso e da riqueza que em dias idos gozamos. Hoje nada resta do que então fomos, senão a miseria que avassalá tudo e por incuria nossa assentou já agora arraiaes firmes n'este concelho.

Quasi se perde na vovagem dos seculos a historia do emporio maritimo que então era o porto do rio Cávado. Mas ainda é da historia contemporanea, ainda vimos em paroxismos, a continua exportação que de productos agricolas o concelho fazia, uma concorrida feira que aqui se realisava, o commercio que a barra favorecia, dando ancoradouro a navios que importavam cal, madeira, sal, e figos.

Ainda é tambem dos nossos tempos a abastança em que a classe piscatoria vivia, provendo diariamente de peixe o mercado da villa; ouvese a cada passo fallar d'uns

estaleiros navaes que existiram no local hoje denominado «Estaleiro» e da correlativa industria de cordoaria.

Mas para que continuar desenrolando a negra fita d'aquillo que já tivemos e agora perdemos?

Tudo isso morreu, é bem certo; nada existe do antigo poderio e riqueza d'esta região feracissima, pelo abandono em que pouco a pouco foi cahindo.

Confiados illusoriamente nos recursos naturaes que a terra espontaneamente nos offerencia, jamais cuidamos de fomentar uma industria, de estabelecer em campo seguro empresas commerciaes, nem de propugnar a sério pela ligação ferro-viaria d'esta villa aos centros mais populosos. O resultado tornou-se inevitavel.

Aos embates da porfiada lucta pela vida, tivemos de ceder; e vencidos, de nos acoiar a nós e inermes, como o pellicano depauperado pelas suas proprias garras.

Assim temos vindo jazendo nos ultimos annos decorridos, cavados nos robustos alicerees d'esta região que outr'ora foi tão rica, os symptomas d'uma decrepitude prematura.

Impõe-se urgentemente um redemptor rejuvenescimento.

Congregar vontades alheas, despertar energias entorpecidas, unir forças dispersas, devia ser desde já o cuidado d'aquelles que, pela sua posição official, superintendem nas coisas publicas d'este concelho.

Depois elaborar um plano de resurgimento local, procedendo methodicamente á consecução de melhoramen-

tos de manifesto interesse geral e immediato; fomentar o commercio regional, attra-hindo o negociante com prémios e isenções de imposto, a grandes feiras semanais na villa; tomar a iniciativa da fundação de caixas economicas agricolas no concelho; ajudar a classe piscatoria com a organização d'uma empreza que lhe faculte os meios para poderem competir com a pescaria dos vapores; dar emfim, um impulso potente e audaz na economia do concelho, criando-a, desenvolvendo-a, agitando-a, e dirigindo-a.

Muito ha a fazer n'este sentido, não carece duvida, para que alguma coisa de pratico e de útil se consiga em breves dias.

Mas aquillo que nem o tempo e o dinheiro, nem a politica e o favor comprado conseguem, não o poderá conseguir em curto praso o patriotismo?

NATAL

GLORIA IN EXCELCIS

Como um grito agonizante do passado que num relampago de luz sideria nos viesse avivar lembranças mortas, emurchecidas folhas sem cor que o vento arremecor, inertes, aos sorvedoiros do nada, ou como uma toada plangente de sinos de prata resoando na palidez eburnea dum crepusculo de outono, —relembramos agora com dorida saudade as coisas amadas e findas, os vergeis flori-

dos da mocidade, as canções do passado, os canticos ingenuos da infancia que todos entoamos tamaninhos, entre sorrisos e beijos, numa musica chilreada, alegre e caprichosa.

Evocamos a noite de Natal, noite imperecivel de poesia e sonho, onde as estrelas fulgem, sismadoras, como candencias de oiro em opalino manto, a velha igreja de lavrados altares onde os lirios branquejam em vasos sangrentos, o orgão gemendo salmos e o incenso subindo em espiraes embriagantes de odor olimpico.

Errava no ambiente perfumado daquele cenobio da nossa juventude o halito das violetas e da mirra, emquanto um vago misticismo adormentava as almas para as arrebatat, numa apoteose de sonhos, á sideral mansão dos anjos fulvos e das candidas pombas alvas de alabastro.

E' sempre a recordação da descuidosa infancia que nos faz sangrar o coração dormente. E' que,

quando o sol da vida já declina mostrand'nos ao longe as sombras do poente, é-nos doce parar na encosta da colina e volver para trás o nosso olhar plangente,

Oh! a festa do natal! Hade ser sempre a mais encantadora e popular tradição do velho cristianismo. E' a festa do lar, é o amplexo fraternal das almas embevecidas pelo ardor da mesma crença.

Basta o nome de Natal para entreabrir sorrisos nas bocas pecadoras, para despertar pungentes saudades nos peitos maguados pelo eterno sofrimento da vida.

Todos nesta noite buscam a reunião expansiva da familia, o intimo aconchego do lar onde se evoca o passado com

ternura e onde amiude vertemos uma lagrima acrisolada que se evola, em prece redentora, ás regiões seraficas do Alem.

Parece que já o incenso sobe pelo espaço em nuvens diluidas de adoração ao pallido Jesus de Nazaré, e pelas abobadas dos templos resoam canticos solenes que ascendem ao paraizo, com o coração dos crentes, num hino sacrosanto de amor e de supplica.

Do alto do eter rutila, aurifulgente e magestático, o astro da vida aureolando o cosmos, e um rosicler fulgor envolve os seres de effluvis elisios que são o osculo luminoso e paternal da Natureza, a benção de Deus á humanidade contrita.

Há sinfonias de luz pelo azul do infinito e o cariz do ceu docemente nos sorri sobre um rosario resplandecente de estrelas; ouvem-se pelo espaço ladainhas de querubins á mistura com o pipilar das aves que vão cantando *hosanas*. Da terra evolva-se, em nimbos de adoração, toda a alegria da natureza, e lá no alto, muito alem, os anjos cantam

Gloria in excelsis Deo.

Dezembro, 1910.

João de Freitas

Sellos de assistencia

A correspondencia para o correio nos dias 24, 25, 26 e 30 do corrente, bem como em 1 e 2, e 4 e 5 de janeiro proximo, deve ser sellada com os selos de assistencia da taxa de 10 reis, alem da estampilha ordinaria.

Estão isentos d'este selo os jornaes e publicações juridicas.

FOLHETIM

A PASSAGEM PELO VIME

Quando ao cair da tarde da vespera do dia da S. João cheguei á Horta dos Vimes, recebi, entre as sensacionais noticias do dia, taes como: um roubo de gallinhas; uma rapariga que apparecera no seu estado interessante, e uma troca de pátulas na taberna do Maltez, a de que n'essa noite se realisaria ali, na Horta, a cerimonia da *passagem pelo vime*.

Foi esta noticia a que me despertou maior interesse.

Todos os annos, na noite de S. João, tinha lugar esta cerimonia que a crença popular preconisa como um bom remedio para a cura de creanças rendidas, mas nunca a tinha presenciado, motivo por que me dispuz logo a não perder de vista esta curiosa solemnidade.

Por isso, depois de dar a volta do costume pelas ruas de Alemquer, espalhar abraços pelos meus queridos patricios e amigos, visitar o arraial das Aguas, onde me detive em agradabilissima palestra com o meu presado amigo Campeão, e admirar mais uma vez a elegancia e formosura das minhas gentis patricias, regresssei a Horta e ao sitio escolhi-

do para o acto—um renque de vimeiros junto ao tanque.

Não esperei muito. Approximava-se a meia noite quando por entre o arvoredor brilhou a luz d'uma lanterna, e um numeroso grupo d'homens e mulheres avançou para os vimeiros, acercando-se de uma d'estas arvores de troncos mais longos.

Em seguida, um sugeito, chefe do grupo, uma especie de mestre de ceremonias, escolheu um dos troncos do vimeiro e com uma navalha rachou-o, collocando de um lado do vime duas Marias, raparigas menores, e do outro lado um João, rapaz tambem menor.

Uma das raparigas, de roca á cinta, começou a fiar linho.

O grupo conserva-se silencioso, n'uma attitude devota e recolhida esperando a meia noite.

Por momentos a creança choramingava, e logo de todos os labios sahiam prolongados *chius*, cahindo tudo de novo em silencio; só perturbado pelas rãs e pela queda da agua do tanque.

Quando o rélogio da torre da igreja de S. Francisco bateu a ultima badalada da meia noite o chefe do grupo fez um signal, e a Maria que se conservava immovel emquanto a outra fiava, recebeu nos braços a creança, passando-a a travez do vime ao João, pronunciando as seguintes palavras rituaes:

—João, toma lá o meu menino

doente e dá-m'o para cá são.

Ao que o João, devolvendo a creança tambem através do vime, respondeu:

—Em louvor de S. João, destempe o teu menino doente toma-o lá são.

Este acto repetiu-se tres vezes.

A seguir rasgaram a camisa da creança em tiras e com ellas molhadas em mel ligaram o vime, apertando-o com o fio de linho fiado pela rapariga durante esta solemnidade.

O grupo retirou pela mesma ordem por que tinha chegado, crente de que, se o ramo secar, a creança se não curará, mas se, pelo contrario, o vime soldar e continuar viçoso, a creança ficará boa. (!)

Acompanhei o grupo até ao portão, e quando elle desapareceu na curva da estrada, no alto do olival, fui para o alegrete florido, sobranceiro á estrada.

A noite estava deliciosa, uma

(1)—No fim de setembro encontrei no esminho da Chemina a mãe da creança que regressava da feira de S. Miguel.

Perguntando-lhe pelo filho e pela cerimonia da noite de S. João, disse-me a sorrir, jubilosa:

—Está bom! está são!—e acrescentou n'um leve tom de censura:

—Ora veja lá sr. Corvalho, ha por ahí gente que diz que aquillo não serve p'ra nada! Vejam o meu menino! Vejam o meu menino!

verdadeira noite de verão estrellada e calma. A via lactea no azul escuro era como que uma poeira de prata. Os pyrilampos picavam com a sua luz baixa as sombras do pomar, e dos macissos de cravos, das madresilvas e de toda a vegetação exuberante elevavam-se perfumes que embalsamavam o ar.

Rente ao muro do alegrete deslisavam pares de namorados, muito unidos, passo lento, em idyllo amoroso.

Com o declinar da noite as festas no campo perdiam a sua intensidade.

Os clarões das fogueiras esbatiam-se pouco a pouco. Do logar do Camatral, e de diversas quintas, subiam os ultimos foguetes: do Pedrogão e das Paredes vinham rumores de bailes campestres e de *harmoniums*, e da villa uns vagos sons de trombone e cornetim.

Mais ao longe, na estrada do Carregado, um carro puxado a bois chiava tristemente.

Sentei-me no banco de verga, sob o parreiral e loureiros, onde costumava passar as sextas, e, sempre debaixo da impressão do acto que acabava de presenciar, o meu pensamento voou para os tempos remotos, para as religiões e para os costumes dos povos primitivos.

Final o que era esta cerimonia que aquella credula gente do logar das Paredes acabava de praticar? Simplesmente um vestigio do

culto das arvores, culto naturalista aryano, filiado no culto solar.

Estavamos no solsticio do verão, quando o sol attinge a plena manifestação da sua força creadora, e era n'este tempo que os povos celebravam em maior grau a vitalidade do fecundador sol, commemorando ao mesmo tempo a sua entrada na triste peregrinação do inverno, porque, como se sabe, o sol é a base de todas as religiões.

Para os homens primitivos—dizem os historiadores—o sol era o Deus revelado, e por elles temido e implorado, constituindo o thema das suas orações e resas. E assim tinha de ser.

O sol é que prodigaliza a luz, a vida e a fecundidade.

Para elles o dia era a alegria de ver e de sentir; a noite, as trevas, a morte.

Temiam a aproximação do crepusculo, e aguardavam ansiosos a volta d'esse Deus que lhes dava a faculdade de viver.

Mais tarde as idéas confusas que tinham d'este bello astro converteram-n'as em imagens, personificaram-n'as, e assim foram apparecendo as figuras de Soma, Savitri, Mitra, Osiris, Atys, Adonis, Budha e Christo.

Pelo decorrer dos tempos a humanidade experimentou a necessidade de medianeiros entre a sua alma e o astro creador, e encheu o ceo e a terra de divindades.

FRASES FEITAS

O snr. José da Silva Vieira um inteligente cultor e propagandista do estudo das tradições populares do nosso país, convida-me lisonjeiramente a trazer para o *Espozendense* a série de observações que de ha tempos para cá venho publicando no *Povo*, de Viana-do-Castelo, sobre adágios e locuções várias da lingua portuguesa.

O estudo do nosso adagiário, tão interessante e tão conioso, está ainda muito incompleto porque a êle se não dedicam de preferência os que, mergulhando nos altos estudos de filologia a sua vasta erudição, apenas acidentalmente tocam um ou outro destes pontos.

Final este trabalho preparatório—tal como o tentei—da coordenação de materiais para um estudo metódico, seguro e desenvolvido que pertencerá aos eruditos, quero apenas uma paciente observação meticolosa a par de um maior ou menor conhecimento dos clássicos.

Nesta última condição está o melhor elemento de que pode dispôr o estudioso para iniciar a sua tarefa. Infelizmente ela escasseia a muitos que, animados de boa vontade, se abalancem, como eu, a estas investigações tão interessantes e tão variadas.

A leitura dos velhos textos oferece, é certo, um interesse especial aos que se dedicam ao estudo geral da lingua, mas é certo também que, num país de tão rica e curiosa literatura clássica como o nosso, se torna impossível adquirir suficientes elementos de estudo, no caso de se não dispôr de avultados proventos.

E' claro que, ainda com um avultado cabedal de conhecimentos clássicos, não poderá o investigador fazer um estudo seguro sobre o nosso adagiário, limitando-se a carrear materiais mais ou menos apreciáveis para a

obra que mais tarde se iniciará e que demanda além de um são critério uma vasta erudição firmada num conhecimento profundo da lingua.

Muitos fios perdidos na obscuridade de uma pesquisa reatam-se às vezes a simples conjecturas mais ou menos prováveis, moldadas nos melhores processos de dedução analítica, de forma a tornarem honesto e proveitoso o trabalho do investigador.

Reunindo pois nesta secção os estudos que publiquei—reformados agora por ulteriores observações—e juntando-lhes novos materiais, espero merecer a atenção dos estudiosos, incitando-os talvez a a novas tentativas quicá mais proveitosas e interessantes.

Oscar de Pratt.

I
Mulher e navio

Diz um antigo adágio: «quem não tiver que fazer, arme navio ou tome mulher».

Está, por exemplo, no *Adagiário*, de Rolland (ed. 1841) pag. 80.

De facto. Nada mais para trabalhos e canceiras que cuidar nos aprestos para o trato da navegação. Nenhum detalhe deve esquecer, nenhuma observação será tida á conta de exagero. Sentenciosamente fala o rifaço: «quem vai para o mar avia-se em terra». Daí o salutar conselho que o provérbio oferece áqueles que não sabem quanto custa o trabalho, armando em calaceiros.

Por outro lado, na vida íntima a mulher requiere cuidados e atenções de vária espécie. A mulher é a caravela airosa e grácil que é preciso ataviar ao sabôr do seu desejo, da sua vaidade encantadora às vezes, tentando-lhe sabiamente o rumo para que se não desvie incautamente ao mar porceloso em que se afundam num momento todas as virtudes e se pervertem todos os encantos dos artificios feminis.

Isto é a poesia do provérbio mas na realidade o sentido é mais grosseiro. Vem êle do tempo em que a mulher era a escrava

da vontade do marido. Hoje a mulher, quando não é a afirmação máscula de uma vontade emancipada, é a livre companheira querida do lar.

O «tomar mulher» do provérbio era coloca-la sob o domínio dirigente do macho e tanta falta de senso se lhe attribuia que difficil se considerava a tarefa de a conduzir.

O nosso D. Francisco Manuel entende, na sua *Carta de guia*, (1) que se devem entreter as mulheres com «curiosidades femininas», as quaes curiosidades veem a ser regalos e comodidades que elas mais apreciem para que «enfrescadas nestes negocios caseiros, não se lembrem doutros», diz o bom moralista.

Era este mesmo illustre fidalgo que elevava ás nuvens a ultima submissão de uma dona que, querendo sair, aconteceu chover e como os criados lhe dissessem que se molharia «chamou um pagem e lhe disse: Dize a teu senhor que me mande dizer se chove, porque me não fio destes nem de mim».

Não o pensaria assim Plauto quando escreveu a frase que deu origem ao provérbio: *Mulier et navis nunquam satis ornantur*, evocada pelo autôr do *Anatómico Jocos* ao dizer: «Bem sei que todo o concerto é pouco para adorno de uma fema; pois que, como disse Plauto, a mulher e o navio nunca são assaz equipados».

Mas o sentido torceu-se, como se vê do adágio, graças ao conceito depreciativo em que se tinha a mulher. Da idéa do navio tirou-se o sentido de governo para lisonjejar a versão e assim é que Jorge Ferreira de Vasconcelos, reunindo a dedução ao conceito, escreveu na *Ulisipo* (ed. 1787) pag. 292: «Por isso dizem bem, que quem quizer ter negocio sobejo faça nao ou tenha trato com molher; porque nada basta para ataviar e governar estas duas cousas.»

(1) Edição de 1747, pag. 81.

II
Matabicho

E' geralmente a bebida que se toma em jejum, pela manhã,

que eu via n'aquella noite vestígios do culto solar. Os fogos d'artificio, essas fitas de fogo que rasgavam o espaço em *sigs-zags*, e as fogueiras, eram outras tantas manifestações em louvor do sol. Umaz raparigas que n'aquelle momento lavavam o rosto no chariz ali proximo, e outras que se dirigiam á fonte do Pucarinho para o mesmo fim, praticavam, levadas pela tradição, a cerimonia do culto das *Fontes*.

Este culto, também aryano, é extremamente poetico, cheio de divindades femininas, a quem o povo hoje chama *moiras encantadas*, tinha, entre outras solemnidades, a das mulheres se reunirem, corbadás de flôres, pelo solstício do verão, á borda dos ribeiros e das fontes, ajoelharem e immergeirem as mãos e os braços na agua, murmurando palavras supersticiosas, na fé de que com a ablução d'esse dia a agua levasse todos os males.

Para os nossos avós, os velhos arya, a agua era a mãe dos seres, servia para as abluções do corpo e da alma, e curava da doença e da culpa.

A igreja catholica transformou este culto em *fontes santas e aguas bentas*.

E as minhas gentis patricias que, com o bochecho d'agua espe-

Matar-o-bicho é pretexto para beberetes de qualquer naturêza entre os afeicoados.

O *Nôvo Diccionario*, sob o voc. *Bicho*, regista «matar o bicho (pop.) beber aguardente ou outra bebida alcoolica antes de almôço.» No lugar próprio insere *matabicho* como termo brasileiro, significando: «um gole, que se toma, de qualquer bebida alcoolica».

Nos *Subsidios para um Diccionario completo da Lingua Portuguesa* (1900) inseriu Cortesão «matabicho: Pop. Aguardente, licor, café, etc., que se toma de madrugada, em jejum, principalmente no inverno».

Mas não se limita a isto a accepção do *matabicho*, pelo menos no centro do país. «Mata-se o bicho» com qualquer bebida ou iguaria ligeira: aguardente, café, leite, pão, frutas, e ainda com um cigarro ou qualquer acontecimento matutino: Ainda com mais extensão de significado *matabicho* é o primeiro serviço ou occupação da manhã. «O meu *matabicho* é acender o lume». «O *matabicho* dela são os ralhos da mãe» etc.

Ha mais: «mata-se o bicho» ás vezes, pelo dia adiante, depois do almôço, ao meio dia, ou ás horas em que o frio aperta, pela necessidade de bebericar, a que a expressão serve de pretexto.

Assim se tornou também extensivo o *levaremo*—de *levaremos!*—que era a voz de comando proferida pelo patrão da embarcação para ordenar descanso aos remadores. Nestas pausas de remar todos bebiam um gôlo de aguardente.

Esta expressão passou do mar á terra, como tantissimas outras que indicam o génio de um povo de navegadores e o *levaremo* veio a designar a *golada* tomada em qualquer ocasião, como vem no *Templo d'Apollon*, de Gil Vicente—II (ed. 1852), pag. 385:

«Aramá, como estou secco!
.....
Aqui trago um *leva-remo*»

e no *Auto da Festa* (ed. 1906), pag. 110:

«Aqui trago um *levaremo*»

A igreja catholica, não podendo banir estes costumes da alma do povo, santificou-os com o nome de S. João, apresentando a sua imagem com um cordeiro, que o symbolo do Deus sol Atys,—*Agnus* o cordeiro, que subsiste na igreja principalmente sobre o sacrario no qual guarda um sol de ouro ou prata, a custodia—e revestindo o santo de um aspecto e de lendas, que os historiadores reconhecem n'ellas similhança com os cultos amorosos e sensuaes eneanos e hetairistas, a começar pelo nome de Elisabeth, mãe do santo, que é uma decomposição de Elissa-Bet nome do templo da Deusa do Amor que também existia em Carthago, e João com Zoganes, Joanes, filho do templo da mesma deusa.

Continuando a mergulhar o espirito n'esses tempos remotos via, como n'um sonho, surgir na India entre os brahmanes, sete seculos antes de Christo, a figura lendaria de Budha, um mytho solar, nascido no solstício de inverno em 25 de dezembro, quando os dias são pequenos, o sol está infante, *menino*, cresce aparentemente e começa a anunciar a primavera, filho da Virgem mãe *Maya*, personificação da potencia productora sob a forma fe-

Do mesmo genero é o *lavadente*—«beberete» que Moraes indica como termo chulo. Vem na *Ulisipo* (ed. 1787), pag. 235: «Em hum salto tomaremos este *lavadente*».

Entre os bebedores, a necessidade de mitigar ou *matar* a sede, como dizia a Maria Parda:

«O' rua da Mouraria
quem vos fez *matar a sede*
pela lei de Mafamede
com a triste d'agua fria?»

passou a ser considerada como vício e vício era e é dos mais perniciosos.

Pôde ser que o *matar-o-bicho* nada mais fosse que corrupção pintoresca da expressão *matar o vicio*, que o mesmo era que satisfazê-lo.

Quando foi da peste que assolou Lisboa no reinado de D. João I era o vinho abundante como se vê no *Pranto de Maria Parda* e os apreciadores encontravam a profilaxia da doença no çumo da uva. Assim o recorda a velha bêbeba:

«Eu não sei que mal foi este,
peor cem vezes que a peste,
que quando era o trão e o tramo(1)
andava eu de ramo em ramo: (2)
Não quero deste, mas deste.»

O alcool era o preventivo contra a peste, no conceito do povo, e a êle creê dever a saúde a velha:

«Vão por mim á Sancta Orada
D'Atouguia e d'Abrigada,
e a Curageira sancta,
que me derão na garganta
saude a peste passada.»

Evidentemente esta toponímia indica as proveniências do vinho bom e foram estas que, durante a peste, lhe «deram saude na garganta.»

Ingeria-se pois o alcool para *matar o bicho* da peste ou pestelença.

Recordo-me que, durante a peste do Porto, se recomendava entre o povo, cá pelo sul, igual profilaxia.

Oscar de Pratt.

(1) *Tramo* ou *trama* era o inchaço, ingua ou postêma (Vide *Ethnicidário*, de Viterbo). E' talvez aqui o bubão dos pestíferos. Por ser um mal terrível, empregava-se co-

minina, que ficou virgem depois do parto.

Maya concebe miraculosamente depois de purificada de toda a culpa terrena, e a seu marido que se mostra preocupado, os brahmares explicam-lhe o mysterio da gravidez de *Maya*, dizendo que seu filho espalhará a luz no Universo.

Budha era um reformador que fazia milagres; prégava contra os poderosos, contra o regimen das castas e sacrificios sangrentos; proclamava a igualdade e fraternidade humana, o amor pelos infelizes, a caridade, a abnegação, a liberdade e o o desinteresse.

Esta religião, que tinha imagens, conventos, sinos, agua benta, cinza e o dogma da eucharistia composto de um bolo de farinha e manteiga e do licor alcoolico, *soma*, produzindo pelo succo da *aslepcia*, acida, é ainda hoje, apesar de corrompida, a mais espalhada pelo Universo, pois conta 470 milhões de crentes, emquanto as religiões catholica e protestante têm 310 milhões.

Via em Roma a festa do Natal do culto persas Mithra, o Deus da Luz, *Natalis soli invicti* que nasce no solstício de inverno em 22 de dezembro, quando o sol começa a anunciar a primavera, dádo á luz por uma Virgem Mãe, que fica virgem depois do parto, Virgem Aurora, sempre pura mesmo depois de

As arvores passaram a ter um culto e, tanto na mythologia indú como na grega, apparecem divindades que residiam nas arvores.

Plínio, referindo-se a este culto, dizia que as arvores foram os templos das divindades, e que os camponeses, em virtude de um rito antigo, consagravam aos deuses as melhores arvores.

A cerimonia da *passagem pelo vime*, muito vulgar entre nós, em toda a Europa e no oriente, é pois um vestígio do culto da arvore, sendo também, segundo o historiadór H. Galdoz, um principio de magia para transferir a doença de um para outro lado.

No nosso país a cerimonia realisa-se com algumas modificações.

Assim, no Porto, a creança é levada pelo padrinho e pela madrinha ao pé de um ramo de carvalho e trocam as seguintes palavras:

—Aqui tens o teu afilhado, que me dizem ter quebrado.

—E' que o recebo são e salvo, como na hora em que foi nado.

Em Coimbra a creança é também passada por um ramo de carvalho e em Tráz-os-Montes e no resto do país, como em Alemquer, com pequenas alterações nas palavras rituaes.

*
*
*
Não foi, porém, só n'esta cerimonia

mo praga:

«Trama lhe venha dos ceus!»
«Nunca de má trama moura.»

Gil Vicente.

(2) De ramo em ramo—de taberna em taberna. Ainda hoje se usa pôr ramos á porta das tabernas.

FÃO, 20

Por informação fidedignas, sabemos que a muito digna Commissão Parochial d'aquí reuniu no passado domingo, em sessão extraordinaria, deliberando representar á Camara Municipal, pedindo urgentes providencias acerca do estado lastimoso em que se encontram as ruas d'esta localidade, devido em parte ao desleixo a que chegaram os aqueductos de esgoto.

Regozijamo-nos com a attitudé tomada pela Parochia, signal de que foram tomados na devida consideração os nossos rogos, aliás justissimos, e oxalá que sejam attendidos, o que cremos, pela digua Municipalidade, pois que são de todo ponto reclamaveis.

—Não é só nas grandes cidades caros leitores, que dia a dia arrebentam formidaveis greves pondo-nos em constante sobresalto a ameaçando destruir a mais que solidificada Republica Portuguesa.

Tambem n'este cantinho de preces e de jejuns, se levantou na ultima semana, uma grande e poderosa greve nas officinas de carpintaria do sr. Ignacio Gonçalves Turra, composta de meia duzia de vulgares de Lineu, que por muito rija que se mostrou, não chegou a interferir a auctoridade local nem mesmo a ter as honras da sua policia, pois que logo no seu inicio foi suffocada pela propria miseria, retomando os grevistas logo no dia seguinte o seu trabalho, mas em que condições perguntarão os leitores?

Nós lhes diremos: Logo peia manhã cedo, os taes vulgares de Lineu, apresentaram-se nas officinas do trabalho, mas em vez de orgulhosos e com ares de triumphantes—tristes e submissos causando mesmo piedade aos seus admiradores, lembrando criminosos na hora fatal da guilhotina!

Apprendei alguns, por isso que já sois chefes de familia, n'essa nobre exemplar lição, deixando-vos de penetrar nas cousas sacratissimas da natureza para que não tendes mera competencia. Nas horas vagas da vossa vida—conselho no-so—em vez de vos reunirdes em certos e determinados logares, discutindo politica de que vós e nós não percebemos palavra, comprai por assim dizer, um modesto rosario de contas e ensinaí a vossos filhos as orações que já no passado vossos paes vos ensinaram.

ter dado nascimento ao sol.

Mithra nascia n'uma gruta, cercado de presepios, de animaes domesticos, e adorado pelos magos os adoradores do fogo, e o seu culto tinha sacramentos, baptismo, penitencias, eucharistia, benções, corôa de martyrio, consagração da virgindade, anjos bons e maus, penas e recompensas, cirio pascchal e imagens.

Via no Egypto as festas do nascimento de Osiris, o Deus Sol, celebrado no fim de dezembro, quando as forças benéficas do calor vencem as forças maleficas do frio do inverno.

Os phenicios festejarem no mesmo dia o nascimento do Deus Aonnis, o sol deificado; os phrygios, o sol Atys, agnus o cordeiro, e todos estes jovens deuses solares morriam prematuramente no solstício da primavera, no fim de março, e resuscitavam tres dias depois, quando o sol faz passagem para o solstício de verão, concepção mythica da alternativa das victorias da noite sobre o dia e do dia sobre a noite, e d'esta successão de actividade e de repouso da terra submettida á acção do sol, phenomenos annuaes descriptos no estylo allegorico sob a forma tragica da paixão, crucifixamentos, dilaceração, e por fim resurreição.

Atys era representado na sua paixão por um manco amarrado a uma arvore e ao pé o cordeiro, como emblema do signo equinoxial da

—Chamamos attenção de quem competir para certas e determinadas casas, que embora sem o competente baltão e estantes, vão fazendo o seu negociinho, aos domingos, muito rendoso enquanto os pobres logistas, devidamente habilitados e com as suas contribuições em dia, acatam a lei do descanso semanal.

Isto assim meus senhores, não pode nem deve mais continuar a bem de todos nós.

Urge por isso, que as auctoridades competentes providenciem os factos e punam severamente os contraventores.

—Não sabemos de que nos servem os candieiros da iluminação publica que se acham pelas ruas.

A posso ver o seu unico fim é o de embelezar a nossa terra, mostrando-a aos forasteiros com ares de uma importante cidade.

As noites teem sido como todos sabem, mas de candieiros accessos nem um!

Appelamos para quem competir este estado precario da iluminação da nossa terra.

—Ainda ha bem poucos dias que por uma simples resinga eutre irmãos, fugiu uma filha menor ao sr. Francisco Fernandes Gafem Junior, morador na rua das Pedreiras e apesar mesmo dos seus esforços não foi ainda encontrada.

Pois já na sexta feira passada repetiu-se a mesma scena e na mesma rua, fugindo igualmente dous rapasolas—Manoel Fernandes Alves, de 21 annos, e Antonio Fernandes Alves, de 17, enteados da sr.^a Rosa Rodrigues Carneiro.

Os dous mariolas foram mais felizes pois que levaram a quantia de rei 155000, um par de brincos feitos de meias libras, alguns anneis e peças de roupa. Foram, horas depois da fugida, perseguidos pelo regedor e dous cabos até á Povoá, o qual não os encontrando nem lhe sendo dado conhecimento da sua passagem n'aquella villa dirigiu-se ao digno Administrador que amavelmente o recebeu e logo por telegramma pediu, para o Porto, a sua captura e remessa juntamente com os objectos encontrados.

Até hoje não foram encontrados, querendo, nos parecer que foram assentar voo para junto da primeira rola onde o rigor do inverno é menos intenso.

X...

Partida

Em goso de licença e para convalescer da subita doença que ultimamente o acommetteu, retirou na semana passada para Amares o sr. Joaquim de Souza e Sá, digno escrivão do 1.º officio n'esta comarca. Appetecemos-lhe rapidas melhoras.

primavera.

Os deuses eram chorados lugubrememente pelas deusas Isis, Cybele e Astarte, conduzidos de noite ao sepulchro em esquifes e deitados sobre sudarios pelos magos, com canticos funebres, e acompanhados por mulheres desgrenhadas em lamentações e delirios religiosos.

A resurreição era celebrada com manifestações de alegria durante trez dias, as celebres festas hilarias que symbolisavam o triumpho do sol sobre as noites grandes.

A seguir no mez de maio, o mez das flôres, as poeticas festas dos gregos á divindadé Derketo, symbolisando o consorcio do sol com a terra.

Em Roma as festas a Venus e a Ceres, com as famosas procissões da *Madonna d'ell'arco* aos campos, festejando com banquetes e saudações, as arvores, as cearas, as fructas e as flôres. E no mesmo mez, a celebre festa *Floralia*, em que a divindade *Mãe dos Amores*, em pleno campo, a sombra das arvores, entre flôres, dictava as suas leis amorosas aos rapazes e raparigas, que, coroadas de flôres, cantavam em côro e corriam pelos campos durante trez dias e trez noites, repousando em barracas de myrtos verdejantes.

Muito tempo depois via em Roma o Christianismo, formado com

Transferencia

Acaba de ser transferido para o logar de coajuvante do chefe do serviço telegrapho-postal da cidade de Braga, o nosso presado amigo sr. Antonio Domingos Lopes. Exercendo ha longos annos n'esta villa o cargo de chefe da estação telegrapho-postal, pela hombridade do seu character, pelo zelo irreprehensivel no cumprimento dos seus deveres e pela fidalga urbanidade nas suas relações officiaes, soube sempre ter em cada um dos que o conheciam, um amigo sincero e admirador de dedicado. Por isso é que não é sem uma grande saudade e tristeza, que, embora forçado pelas exigencias do seu cargo, o vemos agora ao fim de tantos annos afastar-se do seio d'esta villa. Apresentando ao povo de Braga as maiores felicitações pelo funcionario modelar e bemquisto com que vae ter o prazer de tratar, apresentamos tambem ao sr. Antonio Lopes, as nossas gratas e saudosas despedidas, fazendo votos pelo seu rapido regresso.

Fallecimento

Fomos hontem dolorosamente surpreendidos pela triste noticia do passamento da sr.^a D. Adozinda Gomes, virtuosa esposa do nosso bom amigo sr. Philippe C. d'Almeida Gomes.

Comparilhando a magoa que n'este sentido transe, ha-de alanciar o coração de todos os que de perto conheceram a saudosa extincta, enviamos ao sr. Almeida Gomes a mais profunda expressão das nossas condolencias.

Tambem n'esta villa falleceu subitamente no domingo passado a sr.^a Catharina da Costa Terra, vulgarmente conhecida pela «Catrina dos Ovos».

Incidente

Informa a *Mala da Europa*, no seu ultimo numero, o seguinte: «Acham-se demissionarios o sr. administrador d'este concelho dr. João Caetano da Fonseca Lima e as commissões municipal e parochiaes e regedores, por moti-

doctrinas d'estas religiões pela plebe, em sociedades secretas de escravos e associações operarias de beneficencia, passar directamente para o seu culto o cerimonial do natal do Deus Mithra, o Deus da Luz *Natalis soli invicti*, com todo o scenario de presepios, jumentos e magos, e apropriar-se dos seus ritos liturgicos e mysterios dogmaticos. Assimilhar ás suas endoenças a paixão e resurreição dos deuses solares. Transformar o culto da Virgem Mãe no da Virgem Maria, e os symbolos dos outros cultos em imagens dos seus santos.

E, logo que se achou forte, empregado pelos doutores e reconhecido oficialmente como religião do estado, devido a um cambalaxo politico com o imperador Constantino, tornar-se aristocrata, politica, perseguidora, guerreando os cultos e lendas de que se não apropriara, inventando a palavras *paganismo* para os caracterisar e condemnar.

Via S. Eloy no seculo VII aconselhar os povos para que nas festas de S. João, e de outros santos, não se fizesse caso do sol.

O papa Gregorio III prohibir os sacrificios ás arvores e ás fontes.

A inquisição queimar em 1630, em Vizeu, duas mulheres accusadas de praticas diabolicas, por conduzirem, debaixo do nome de *mestras* os enfermos ao rio, passando-os tres vezes pela agua dizendo palavras supersticiosas, não passando

vo de um incidente suscitado pela nomeação de um escrivão de direito para esta comarca, contraria á indicação feita pelos dirigentes da politica local».

Confirmando a noticia transcripta, nada mais temos a acrescentar senão que continua tudo na mesma situação, á espera da solução requerida.

Enxaquecas
A influencia do estomago

Aquelles que têm muitas vezes enxaqueca decerto têm o que quer que seja defeituoso da parte do estomago. Este ultimo digere imperfeitamente os alimentos, e o que não é digerido, ficando no estomago, putrefica-se alli, causando as nauseas, as azias, as eructações. Esta accumulção de materias envenenadas, no estomago, faz tambem com que o sangue pouco a pouco se sobrecarregue de elementos toxicos, e esses elementos toxicos causam enxaquecas, absolutamente do mesmo modo que quando se respiram as emanções do carvão. As Pilulas Pink fortificam o estomago, dão digestões perfeitas e fazem desaparecer as enxaquecas.

Pilulas Pink

As Pilulas Pink estão á venda em todas as Pharmacias pelo preço de 800 reis a caixa, 45400 reis as 6 caixas. Deposito geral: J. P. Bastos & Cia, Pharmacia e Drogeria Peninsular, 39, rua Augusta, 45, Lisboa. — Subagentes no Porto: Antonio Rodrigues da Costa, 102, Largo de S. Domingos, 103.

Como remedio de familia

Não ha medicamento mais conveniente para ter em casa do que as «Pilulas Catharticas do Dr. Ayer». São mais seguras na sua operação, mais efficazes para o allivio e cura de centenares de affecções peculiares ás creanças, mais isentas de perigo do que qualquer outra preparação que tenha sido posta á venda. Para novos e velhos, as «Pilulas Catharticas do Dr. Ayer» são superiores a quaesquer outras, para todos os casos em que é necessario um purgativo.

Approvadas pela Junta de Saude Publica.

Preparadas pelo Dr. J. C. Ayer & C.^a Lowell, Mass.—U. S. A.

Venda nas boas pharmacias e drogerias.

Depositaris geraes para Portugal: James Cassels & C.^a Succ.^{os} Rua Mousinho da Silveira, 85—1. Porto

A VENDA

CRIMES DUM USURARIO

(Romance dum brazileiro)

POR MANUEL BOAVENTURA

PREÇO 300 REIS

AVISO

Por este meio se faz publico aos credores de Maria Rodrigues dos Reis e de sua filha Belmira Amelia dos Reis de que devem entregar os seus titulos de credito (letras ou facturas) até ao dia 28 do corrente mez na casa do Ex.^{mo} Snr. Fernando Pereira Evangelista—para serem pagos na proporção dos seus creditos pelo activo resultante da venda dos moveis e immoveis que a ambas pertenciam.

Pela commissão,
José da Costa Terra

noitada passada ali no banco. Entretanto amanhecia.

Immensa vaga de carmim se entornara pelo ceo. A igreja de Villa Nova e os montes das charnecas das quintas do Campo e da Marqueza colloriram-se nos seus tons variegados e quentes. As casas brancas das quintas e dos casaes, desenhavam-se entre a massa verde dos vinhedos e dos arvoredos, e a tenue neblina que cobria as margens do rio da Varzea dissipava-se lentamente. No ceo, sobre os sangrentos matizes da primeira onda luminosa, appareceram fulgurações côr de ouro e de laranja, e ao longe, no fim da extensa planicie, alem do Tejo, onde a abobada azul se reclina, surgiu o disco rubro do sol, glorioso, n'uma brilhante apothose de luz.

Então da terra sahiram alegres rumores, e dos ninhos e das ramagens das arvores canticos de aves, como uma saudação ao Deus Sol, creador de todos os seres, de todas as religiões e de todos deuses.

Dezembro, 1908.

J. CARVALHO HENRIQUES

FOLK-LORE VIMARANENSE

acaba de sahir.

TYPOGRAPHIA E LIVRARIA ESPOZENDENSE

DE

JOSE DA SILVA VIEIRA

RUA VEIGA BEIRÃO 71A 9

ESPOZENDE

O maior deposito de impressos da Provincia do Minho

A nossa officina montada com todos os mecanismos e typos o que ha de mais moderno na arte de imprimir é a que atualmente fornece de impressos a maioria das repartições publicas, do norte do pais, por preços inferiores a todas as suas mais congeneres, rivalizando na perfeição e qualidades dos papeis que emprega.

N'esta casa encontra-se mais á venda e por preços excessivamente modicos os seguintes objectos:

Secção de Typographia

N'esta officina executa-se com a maior perfeição e rapidez, segundo os processos mais modernos da arte. Imprimen-se jornaes, livros, programmas para festividades, cartazes com typos grandes e em grande formato, participações de casamento, circulares, memorandums, facturas para o commercio e particulares em todos os tamanhos e diferentes gostos, envelopes de côr ou brancos timbrados á vontade de freguez, notas de officios, etiquetas para pharmacia, bilhetes de rifa e todos os impressos necessarios ao commercio, industria, repartições publicas, escrituras de direito juntas de parochia, contrafiás e particulares.

Especialidade em bilhetes de visita para o que possui um catalogo illustrado com uma vasta e linda colleção de typos em todos os tamanhos nacionaes e estrangeiros. Ha tambem uma grande variedade de cartões brancos em todos os tamanhos e qualidades e um variado sortido em phantazia, pergaminho, linho e muitas outras qualidades onde o freguez pode escolher a sua vontade.

Os preços dos bilhetes com a impressão são relativos ás qualidades do cartão variando entre 300 até 800 reis cada cento.

Livraria.— Livros escolares de todos os autores, escriptas (Cruz e Simões Lopes), papel em todas as qualidades, louças em todos os tamanhos e preços, tinteiros com tinta preta desde 30 reis para cima, canetas desde 5 reis aparos, lapis desde 10 reis, tinta a retalho e todos mais objectos adquados nas escolas primarias.

Material escolar, fornece-se com execução perfeita; taes como carteiras, secretarias, cadeiras, estojos, louças grandes; mappas parietaes, esferas, estantes, e mais objectos pertencentes ás escolas, fornecem-se por preços muito inferiores a qualquer outra casa congenere.

Dão-se todos os esclarecimentos e preços.

Canetas de tinta, ultima novidade, a 200 240 e 300 reis, a melhor invenção,

Papel bordado para cartas amorosas, (grande sortido), envelopes bordados para os mesmos, d'esde 20 a 80 reis.

Chromos, ramos, santos, estampas, figuras de passar, cartões de dobrar, chromos de phantazia de abrir, ultima novidade, para diferentes preços.

TINTA DE MARCAR roupa, Cola-tudo, lamparinas de pau a 20 reis a caixa, e de porcelana a 40 rs., giz para alfayates, bilhar e escolas, gomarabica, prende papeis, ataches, sabonetes, borrachas para safar tinta e lapis, obréas, lapis pretos de 10 reis para cima, azul, azul e vermelho, lapis de tinta, lapizeiras com lapis e pena desde 30 reis para cima, canetas desde 5 reis a 120 reis.

ETIQUETAS, em caixas a 60, 80, 90 e 100 reis cada uma.

POSTAES em côres, bro-meto escuro imitação verdadeira da photographia, o que ha de mais fino e mais moderno, que em toda a parte se vendem a 40 e 50 seis cada um são no nosso estabelecimento a

10, 20 E 30 rs. cada um.

Collecções lindissimas em todos os gostos e para todos os preços, havendo n'este ramo um colossal sortido.

Todos os postaes de 30 reis para cima tem direito a um envelope de seda.

POSTAES

com vistas de Espozende, Fão, Apulia, e outras freguezias d'este concelho.

Cada 5 postaes 40 reis. E' um reclame.

TINTA preta, azul preta, carmin e mais côres para escrever. Tinteiros de vidro com tinta, redondos e quadrados para o preço de 30, 40 e 50 reis, havendo frascos grandes desdes um 1/4 de litro até 1 litro, a diferentes preços.

PAPEL de seda para flôres em todas as côres, de 1.ª e 2.ª qualidade; papel affixe para illuminação, lindas cores; dito para folhagem em verde, prateado e muitas outras côres com brilho.

PAPEL almaço e fino em todos os formatos e para todos os preços; papel fino para cartas em todas as qualidades.

PAPEL PARA CARTA A 10 REIS

PAPEL de musica proprio para bandas marciaes e par-

ticulares, diversos modelos.

PAPEL de chupar tinta, em vermelho, côr de rosa, branco, verde escuro, e outras muitas côres e qualidades.

LIVROS EM BRANCO para o commercio, industriaes e particulares, havendo em todos formatos e papeis diversos e preços muitos razoaveis.

SEM RIVAL

A
140,
160,
200 ATÉ **800**

REIS

Cada caixa de bom papel com 50 folhas e 50 envelopes.

BLOCOS para calendarios.

AGENDAS de algibeira para 1912 muito portateis e uteis.

ALMANACHS Bertrand, Seculo, e todos os outros publicados para o futuro anno de 1912.

VISITEM O NOSSO ESTABELECIMENTO

Ha um grande e variado sortido de livros nacionaes e estrangeiros á venda na nossa livraria, avultando grande numero de romances de diversos auctores, obras scientificas, religiosas, politicas etc., que se vendem por preços excessivamente baratos. Ha tambem muitas obras, edições da nossa livraria, tanto litterarias como sobre o Folk-lore portuguez, as quaes constam de catalogo especial e remettemos a quem nos enviar a sua importancia.